

ID: 116308596

25-03-2025



Francisco Simões

Investigador Auxiliar Centro de Investigação e Intervenção Social - ISCTE

Vinho é mesmo o melhor remédio

Há por aí uns sabichões convencidos de que dividir é mesmo a melhor forma de governar. E não me refiro à realidade internacional.

Sobre essa há especialistas bastantes para sobre ela discorrer.

Os sabichões só sabem fazer uma coisa. Sabichar seria a resposta óbvia, mas diz qualquer dicionário que tal verbo se reporta ao ato de indagar ou querer saber melhor. Ora, os sabichões abominam qualquer esforço que resulte em pôr em causa a ignorância, a própria e a alheia, da qual sobrevivem. E fazendo a divisão perdurar, para dela tirarem os dividendos que necessitam – um deputado por este ou por aquele círculo eleitoral, uma câmara aqui e acolá, talvez meia-dúzia de freguesias – querem antes fazer-nos acreditar que o melhor é cada ilha tratar de si mesma. E assim se respaldam nos seus pequenos poderes, nada acrescentando à repetida fúria calculada – em seu benefício, claro – e muito poucos resultados. E quando da ira divisiva tiram alguns dividendos, o

alarde que deles fazem dá alguma vontade de rir, seja ela contabilizada em mais uma ou outra escala da SATA internacional ou um caminho agrícola a que se taparam os buracos. E assim prosseguimos.

Se é lei matemática que tudo tende para a média e, assim sendo, para o centro, não se combate o centralismo apenas de dedo em riste. Por outro lado, não se valoriza a identidade própria de cada ilha pondo a língua de fora e dizendo quem diz é que é, como se a coesão territorial fosse brincadeira de recreio. Um pouco mais de criatividade recomenda-se, do mesmo modo que o uso de meios cooperativos em que todos ganham, mas em que se calhar os que estão na mó de baixo tiram mais dividendos do que o habitual, também poderá ser uma boa solução. Até porque convenhamos: já nos basta sermos poucos, dispersos e estarmos literalmente tesos.

Recentemente, municípios de ilhas tão diferentes como Pico, Graciosa, Terceira, Santa Maria e Faial deram o mote. Talvez cansados do lamento

do centralismo de São Miguel, das promessas vãs do antagonismo diário e do queixume permanente, decidiram juntar forças e apresentar uma candidatura conjunta a cidade europeia do vinho 2026. A proposta apresentada na Bolsa de Turismo de Lisboa é um bom exemplo de cooperação entre ilhas de que precisamos. Desde logo, procura o que há em comum, em

Os sabichões abominam qualquer esforço que resulte em pôr em causa a ignorância.

vez de ampliar diferenças. Depois, promove interdependências com potencial de transformação em produto turístico que perdue para o futuro. Um périplo vínico, certamente associado a boa gastronomia, passando por cinco ilhas, numa região que se apresenta como autêntica Toscana em pleno Atlântico? Carteiras bem recheadas estarão dispostas a pagar

por essa experiência e assim se trazem turistas que acrescentam valor. Da observação de cetáceos ao turismo em espaço rural – com vacas ordenhadas pela manhãzinha e tudo o mais – não se arranjarão mais roteiros deste género passando por diferentes ilhas?

Enquanto esperamos, um brinde sincero aos que assim arriscam. E apostam bem. O vinho não só é o melhor remédio como tem o condão de unir à mesa boa-vontade e otimismo. Os que sobrevivem da divisão jamais saberão apreciá-los – um bom vinho, claro está, mas também a esperança. Os sabichões sabem mesmo o que perdem. ■